



RESENHAS

**A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DO (R) NAS LOJAS DE
DEPARTAMENTOS NA CIDADE DE NOVA YORK. IN: PADRÕES
SOCIOLINGUÍSTICOS**

LABOV, William

**Ana Cláudia de Moraes Salles¹
Andréia Garcia de Souza²**

Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

No texto *A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*, Labov apresenta um estudo que procura compreender as variações fonológicas surgidas a partir da consoante (r) em posição pós-vocálica, observando as condições sociais dos falantes de NY, onde a pesquisa foi feita.

William Labov, um linguista americano, considerado fundador da disciplina variacionista no campo sociolinguístico, atualmente leciona na Universidade da Pensilvânia. A repercussão de seus trabalhos, considerados inovadores e originais, o credenciou como um estudioso que colaborou significativamente para o desenvolvimento metodológico da Sociolinguística. O trabalho que ora resenhamos, foi desenvolvido em 1962, e até hoje se configura como uma das referências mais importante no tocante aos fatores sociais relacionados ao falar de uma localidade.

O autor inicia o texto dizendo das dificuldades encontradas em se desenvolver a coleta do material de pesquisa, em razão dos elementos que podem chegar a interferir nos dados de análise, como o policiamento do entrevistado. Todavia, um método eficaz de se assegurar a consistência dos dados obtidos pela coleta, é observar o contexto social natural, no qual o falante está inserido, procurando driblar o cuidado com a fala, para que se possa tomar o material de análise mais fielmente possível.

Após a admissão das situações que podem imiscuir-se no material de análise, Labov parte para a explanação da proposta de seu trabalho, que como dissemos anteriormente,

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e bolsista CAPES.

² Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e bolsista CAPES

Resenha desenvolvida na disciplina *Introdução à Sociolinguística*, ministrada pela Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim.



coloca como objetivo compreender a estratificação social do (r). Para tanto, o autor seleciona ambientes no qual desenvolverá suas observações: lojas de departamento da cidade de Nova York. Os estabelecimentos de venda apresentam-se como diferentes no que tange aos preços, às pessoas que os frequentam, às especializações construtivas, etc. Desse modo, as lojas selecionadas foram: a Saks Fifth Avenue (*Status* superior), a Macy's (*Status* médio) e S. Klein (*Status* baixo). É relevante frisar que as diferenciações não acontecem apenas pelos *status*, pois se estendem aos contrastes que irrompem mediante a localização das lojas, os anúncios nos jornais, os preços, a postura dos funcionários e, portanto, também no modo de falar desses sujeitos, o que é a matriz da pesquisa a qual incumbimo-nos de apresentar.

O método utilizado por Labov, nesse trabalho em particular, segue um procedimento específico:

“[...] o entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: ‘por favor, onde ficam os sapatos femininos?’, a resposta geralmente era: ‘Fourth floor’ (‘Quarto andar’)” (p. 70).

Assim, anonimamente, sem esclarecer para o entrevistado que aquilo se tratava de uma pesquisa, Labov reunia as informações linguísticas das quais precisava e depois de muito bem ouvi-las, as anotava, para que então, pudesse fazer suas considerações quantitativas. As variáveis identificadas pelo uso do (r) foram as ocorrências casuais (fourth four) e as enfáticas (*four*th *four*). O pesquisador também tomou nota das situações em que houve a ocorrência de africadas e de oclusivas para a consoante em momento final do vocábulo *four*th, atentando-se também às variações não padronizadas do (th) utilizadas pelo falante.

Por esse método, em termos de levantamento numérico, foram adquiridas 68 entrevistas na Saks, 125 na Macy's e 71 na Klein, totalizando 6 horas e 30 minutos de tempo, distribuídos entre os 264 falantes. Os estudos confirmaram a existência da estratificação do (r) nas três lojas. Labov ordena os grupos pelo uso distinto de (r-1), que implicam a estratificação por fatores extralinguísticos. O autor também percebe que as lojas Macy's e Klein se diferenciam muito, mas entre Saks e Macy's não há grande diferenciação, pois na pronúncia do (r) final existe grande proximidade entre os funcionários dos dois estabelecimentos, deixando a impressão de que marcar esse tipo de *r* é uma norma que os que trabalham na Macy's querem alcançar, ainda que a usem, de certa forma, esporadicamente. Assim, os falantes das três lojas consideram ser mais apropriado para a fala enfática o (r-1). Para ilustrar todas essas minúcias o autor traz quadros e gráficos muito claros e bem elaborados para fazer a comparação entre as características da fala obtidas por entre as lojas eleitas para a pesquisa.



Além dos fatores extralinguísticos, apontados previamente, a fala também pode modificar-se pelo efeito de outras variáveis independentes, isto é, alguns grupos da população que em suas características podem explicar o padrão regular da pronúncia do (r). Um desses fatores é a raça. De acordo com o autor, os informantes negros da Macy's usaram menos (r-1) do que os informantes brancos, mesmo que seja apenas uma diferença que não se coloque em grandes proporções. O que se notou foi que a maior parte dos atendentes negros tendia fortemente a não pronunciar o (r) de maneira marcada. Com base nessas peculiaridades, foi observado, ainda, que na Klein existiam mais atendentes negros do que nas outras lojas, algo que pode dizer da questão da estratificação social, pois os negros, em várias ocasiões, trabalham em lugares menos prestigiados, o que remete a toda uma história de trabalho desse povo.

Dentre todas as variantes estudadas, Labov pôs na categoria de mais estigmatizada a oclusiva [t] em *fourth, through, think*. Seguindo a linha de fatores que podem significar nas variações dos falares, temos a idade. Até então, o estudo de Labov teve nos mostrado que (r-1) é uma das particularidades precípua de um novo padrão de prestígio que está se firmando diante do padrão nativo de Nova York. Portanto, o autor projetava que os jovens iriam ter uma maior pronúncia do (r), porém não foi o que aconteceu, pois há uma certa uniformidade na maneira de falar entre as faixas etárias, mas ainda assim, podemos dizer que esse tipo de variante pende em certa intensidade para acontecer nas falas dos mais jovens.

Para melhor expor a questão da estratificação social, o autor, num movimento relacional, compara as três lojas, categorizando-as da seguinte forma: Saks – classe média alta; Macy's – classe média baixa e Klein – classe operária. A partir dessa ilustração o autor toma um grande mapeamento realizado na região do Lower East Side, lugar de contrapartida ao Upper East Side. Enquanto que na pesquisa do Lower utilizaram-se gravações em fitas e tinham-se muitas informações sobre os falantes; nas lojas de departamentos lançou-se mão de anotações e não se tinha informações detalhadas dos entrevistados. Mas, os pontos positivos da pesquisa dos departamentos foram a uniformidade das entrevistas, a naturalidade das ocorrências do r e a situação que compreendia os falantes em seu ambiente de trabalho. Assim, o autor diz que em todas as formas de pesquisa há falhas, entretanto existem métodos mais adequados que outros. O objetivo do método de Labov foi o de analisar a maneira que as pessoas se apropriavam da língua, em momentos que não estavam sendo claramente observadas.



Em vias de conclusão, Labov nos diz que existe uma distinção notável entre o comportamento da comunidade de mais alto *status* e os demais, pois

“[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (p. 85).”

Desse modo, vemos que o surgimento das variantes para diferentes estratos sociais irrompem por motivos heterogêneos. A classe média baixa, por exemplo, em relação ao (r-1) tem uma tendência a exagerar no processo de correção, pois a norma de prestígio há anos atrás não era essa, mas sim o (r-0). Nessa direção, o que temos é uma grande mudança no modo de falar: na classe média alta, por exemplo, temos aqueles que aderem a essa nova variante que está se edificando e se consolidando; e também, por outro lado, aqueles que em um movimento de resistência insistem em permanecer com o modo de falar antigo.

O que Labov considera ser um ponto positivo na sua pesquisa, e em outras que foram surgindo a partir desse modelo, é seu caráter observatório rápido, anônimo e localizado num ambiente natural, com comportamentos espontâneos. O autor não diz categoricamente que esse é o melhor método e que nele não haja eventuais furos, mas se houver um conhecimento detalhado da história dialetal da área e um compromisso em se analisar as regularidades, constâncias e variações contidas nesses falares, levando-se em consideração o relacionamento dos sujeitos em seu meio, é possível elaborar um trabalho interessante e produtivo na área da Sociolinguística.